

A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard¹

Valéria Ferranti²

Com o lançamento de *A Educação de um selvagem – as experiências pedagógicas de Jean Itard*, o público brasileiro terá finalmente a oportunidade de ler os textos do consagrado médico-pedagogo a respeito da educação de um jovem encontrado em estado “natural” que ficou conhecido como o Selvagem do Aveyron. Além dos preciosos relatórios de Itard, escritos há 200 anos para informar à administração pública “esclarecida e filantrópica” os resultados de seu trabalho, o leitor será agraciado com uma série de ensaios, de autores de diferentes áreas do conhecimento, escritos a partir de discussões realizadas na USP e UNICAMP entre 1998 e 2000 e publicados sob a organização de Luci Banks-Leite e Izabel Galvão.

Sugiro aos leitores que subvertam a ordem da publicação e iniciem a leitura pelos relatórios cuidadosamente traduzidos por Maria Ermantina Galvão e revisados pelas organizadoras, para depois lançarem-se aos ensaios.

Jean Itard, médico e discípulo de Philippe Pinel, estava imerso no Iluminismo, em uma França pós-revolucionária e será tomado, à luz destes ideais, pela clássica questão: o que torna um ser, um humano? Para responder ao enigma do humano personificado pelo jovem Selvagem, esse médico irrompe contra uma doutrina mecânica para explicar as “doenças do entendimento”, e recorre às considerações filosóficas que, somadas à medicina, poderiam prestar-se a uma nova compreensão do “desenvolvimento físico e moral”.

Em seu primeiro relatório *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem selvagem do Aveyron*, datado de 1801 e enviado às autoridades após nove meses de trabalho, Itard explicita sua discordância com Pinel, que considerava o jovem selvagem semelhante aos idiotas de Bicêtre, afirmando que a causa de seu estado devia-se ao fato de ter vivido desde a infância “privado de qualquer educação” e separado do convívio com seus iguais.

Para o tratamento moral ou a educação do selvagem de Aveyron, Itard apresenta cinco metas e relata, minuciosamente, as atividades e exercícios que elabora na tentativa de atingir esses objetivos. Assim é que, acompanhamos seus esforços em defender, de forma apaixonada, sua empreitada pedagógica e em conciliar

¹ São Paulo: Editora Cortez, 2000.

² Psicanalista e pós-graduanda pela Faculdade de Educação da USP.

os antigos hábitos do jovem Selvagem à sua nova vida, contando para tanto, com a ajuda de sua governanta, a Sra. Guérin, possuidora de qualidades tais como “a paciência de uma mãe e a inteligência de uma professora esclarecida”. Concordando com os fisiologistas da época para quem, a sensibilidade nervosa traça relação direta com a civilização e inspirando-se em uma posição epistemológica empirista-sensualista – em Condillac, mais precisamente – Itard tenta, através dos estimulantes físicos e morais, desenvolver o tato, o olfato, a audição, o paladar e a visão deste “filho da natureza”. Importante também é quando se depara com o que avaliou ter sido seu maior obstáculo – criar novas vontades, novos *desejos* no selvagem – o que o leva a apresentar novos objetos como guloseimas e brinquedos para, em seguida, privar o jovem dos mesmos; entretanto, a presença/ausência não se fez eficaz pois faltava ao jovem a inscrição destes objetos em outra ordem e não simplesmente em sua cognição. Nesse sentido, Itard reverencia as mães e sua importância na função de fazer “desabrochar os primeiros sorrisos e nascer as primeiras alegrias da vida”, função essa exercida em diferentes momentos pela sra. Guérin. Note-se que Freud surgiu cem anos depois com os subsídios para as análises das relações mãe-filho! Entretanto, o grande desafio que se apresenta a Itard, diz respeito à linguagem: se o jovem Selvagem não era surdo, porque não falava? Ao buscar respondê-la e investindo na aprendizagem da fala, Itard realiza uma importante ação na busca de “civilizar” o jovem selvagem, atribuindo-lhe um nome próprio: Victor.

O médico-filósofo, mesmo diante dos fracassos na tentativa de tornar o selvagem um ser civilizado não esmorece e refletindo sobre seus métodos, os reformula. Nesse sentido, é bem possível que os leitores encontrem alguma semelhança com o atual discurso pedagógico ao relevar em demasia o método, em detrimento das vicissitudes dos sujeitos envolvidos na saga educativa.

Em 1807, após seis anos do primeiro relatório, Jean Itard encaminha o *Relatório feito a sua Excelência o Ministro do Interior sobre os Novos Desenvolvimentos e o Estado Atual do Selvagem do Aveyron*. Apresentado em função dos objetivos a serem alcançados, Itard enfatiza mais uma vez a importância das funções dos sentidos e, por conseguinte, de sua educação por estarem diretamente relacionados ao desenvolvimento das “faculdades intelectuais”. Embora inventivo em seus métodos e persistente na busca de meios para desenvolver as “faculdades” do selvagem, Itard apresenta ao leitor seus infortúnios diante de um aluno – e aqui é a primeira vez que Victor é assim nomeado – que apre(e)nde tão pouco do mundo civilizado. Victor não adquire a fala (emite apenas o som de alguns monossílabos), não relaciona o signo ao objeto, não classifica; enfim, do ponto de vista do mestre, coleciona uma série de fracassos mas os compensa através de demonstrações de sentimentos “inequívocos de reconhecimento e amizade”, direcionados a Itard ou, com mais entusiasmo, a Sra. Guérin. Em suma, deparamo-nos aqui com um Itard bem diferente daquele do primeiro relatório, desencorajado e, às vezes,

arrependido, por não ter deixado o garoto livre, em sua inocente vida de selvagem. Expressar-se dessa forma, não era mera retórica: há pelo menos seis anos Itard buscava meios de conseguir transformar Victor em um adolescente “comum” alcançando resultados que permitiriam ao jovem sair “de seu longo embrutecimento”; entretanto, os progressos de Victor mostravam-se escassos e parciais comparados às expectativas do médico. O que se nota, finalmente, é que, apesar da persistência do mestre, da presença maternal da Senhora Guérin, das intenções pedagógicas que cercavam o Selvagem de Aveyron (parcialmente “interrompidas” em função da emergência sexual, que deixava Victor em “um estado habitual de inquietude e de sofrimento”) e de todos os inegáveis avanços apresentados, o selvagem continuaria como um estranho na civilização, um ser cuja prótese educativa não lhe garantiu um lugar na cultura.

O livro retira do ineditismo os relatórios de Itard e deixa o leitor com “água na boca” ao fazer referências ao filme *L'enfant sauvage* de François Truffaut, de 1969, que não está comercialmente disponível no Brasil. Este filme, exibido nas discussões das quais participaram os ensaístas servem de referência a alguns textos. As organizadoras, após apresentarem *Uma introdução à história de Victor do Aveyron e suas repercussões*, referem-se ao filme, salientando sua beleza e a repercussão que teve, junto ao grande público e meios acadêmicos, desde seu lançamento na França.

Luciano Migliaccio, historiador da arte e professor da FAU/USP, em *Representar o corpo, representar o selvagem*, analisa a releitura dos relatórios de Jean Itard efetuada por Truffaut para escrever, dirigir e atuar em *L'enfant sauvage*, buscando no registro filmico, as “relações entre arte e ciência no projeto educativo iluminista”. Este ensaio faz conversar, através da produção cultural, os séculos que separam Itard de Truffaut e trata Victor como símbolo deste diálogo por suscitar a “contraditória fascinação que a figura do *selvagem* exerce sobre o homem desde o começo da modernidade”.

Em *O Homem natural e a revolução iluminista: linguagem e semiótica em Jean Itard*, Carlos Rafael Luis, lingüista e professor da Universidade de Buenos Aires, ressalta que o enunciado de Itard acerca da educabilidade do Selvagem estaria apoiado em um conjunto de saberes, quais sejam, as “contribuições da ciência da linguagem, as teorias da produção e percepção da fala, a semiologia com seu conceito de signo triádico, próprio das Luzes e manifestada no saber da Enciclopédia, e a filosofia da linguagem”. Para Carlos Luis, a premissa de educabilidade de Victor almeja tocar em questões impostas pela presença de um selvagem e no que esta presença tange ao humano pois “desvelar os mistérios do selvagem é avançar no conhecimento do homem”.

Luci Banks-Leite e Regina Maria de Souza, ambas professoras da Faculdade de Educação da UNICAMP, examinam em *O (des)encontro entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial*, as idéias filosóficas que nutriram o rico

trabalho de Itard e ressaltam a experiência pedagógica, citada em diferentes momentos nos relatórios, do abade Sicard ao instruir um jovem surdo, Jean Massieu. Este texto também amplia o debate acerca da influência dos “saberes do Iluminismo”, detalhando as contribuições de Condillac e aborda aspectos epistemológicos de um campo de atuação específico – “o médico-pedagógico ou, para usar um termo mais corrente, de Educação Especial” – inaugurado por Itard.

O Lugar das interações sociais e das emoções na experiência de Jean Itard com Victor de Aveyron, de Izabel Galvão e Heloysa Dantas, pedagogas e professoras da Faculdade de Educação da USP trata, de forma crítica, a tentativa do médico em re-humanizar o garoto selvagem mantendo-o quase privado do convívio social, uma vez que, as possibilidades de interação eram praticamente restritas ao contato com ele próprio e com a Sra. Guérin. Discutindo a relação preceptorial que o médico estabelece com seu pupilo, as autoras apontam uma provável inspiração de Rousseau sobre Itard, “inspiração que pode apenas ser suposta, já que não há nenhuma referência explícita a ele”. Além do mais, valendo-se da teoria de Wallon, as autoras discutem o papel das emoções na relação estabelecida entre Itard e Victor.

Finalizando a série de ensaios, Leandro de Lajonquière, psicanalista e professor da Faculdade de Educação da USP propõe um título provocativo: *Itard victor!! Ou do que não deve ser feito na educação das crianças*. A esta altura, o leitor deverá se perguntar: o que o destemido médico-filósofo, que não se curvou ao desafio de educar um selvagem, fez e que não deve ser repetido? Através de uma veleidade da língua, o autor brinca com os nomes dos protagonistas dos relatórios: Itard *victor* (victor grafado em latim) ou seja, Itard vence, referindo-se, provavelmente, à batalha na qual o médico-filósofo foi vencido na busca de “solucionar a charada do humano”.

A iniciativa das organizadoras para a publicação de *A Educação de um selvagem – As experiências pedagógicas de Jean Itard*, além de retirar do ineditismo esta importante narrativa acerca de um projeto educativo de grande envergadura, abre inúmeras possibilidades para aqueles que se ocupam de crianças em refletir e produzir conexões acerca desta experiência e de inúmeros temas relativos à educação nos dias de hoje.

Já era bem tempo destes relatórios chegarem às mãos dos leitores brasileiros!